

## Agostinho:

### *Intellige ut credas, crede ut intelligas*

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

#### *Introdução*

A filosofia cristã nasce sob a fórmula encontrada no Profeta Isaías, “*Nisi credideritis non intelelligetis*” (*Se não crerdes, não compreendereis*). Tirada da tradução dos *Setenta*, hoje sabemos que ela está incorreta. De toda forma, Agostinho não se cansa de retomá-la em suas obras. Neste artigo, observaremos que o seu encontro com Cristo e com a fé cristã exerceu uma mudança sobre a sua avaliação da filosofia e do exercício da razão. Verificaremos que ele distinguia dois usos da razão: uma que precede a fé e consiste no exame e discernimento do que se deve crer; outra que a sucede e consiste na tentativa de inteligir os mistérios da fé até onde isso for possível neste mundo. Teremos o ensejo de perceber que foi a partir deste segundo uso da razão, que busca o entendimento da fé já assentida, que nasceu o *filosofar na fé*, em Agostinho. Ele opõe este *filosofar na fé* à *filosofia dos gentios*, que era alheia à fé, e concebe a conquista do *intellectus fidei* como uma *recompensa* à fé, que começa por crer no que ainda não vê. Observaremos, ademais, que, na concepção de Agostinho, razão e fé são complementares; mais do que isso, como adiante comentaremos com mais clareza, o próprio ato de fé não é senão um ato da inteligência que assente. Observaremos, no entanto, que persiste nas obras do Bispo de Hipona, certa indeterminação entre teologia e filosofia, chegando mesmo a haver, em certos momentos, por razões que também aduziremos no decorrer do texto, uma identificação da filosofia com a teologia e com a própria religião cristã.

Passemos à consideração da dramaticidade da sua conversão e como esta exerce forte influência sobre o seu pensamento.

## 1. *A conversão: pressuposto do pensamento agostiniano*

Agostinho, enquanto maniqueísta, vivia esperançoso das promessas desta seita. O maniqueísmo pregava que, pelo conhecimento racional, poder-se-ia alcançar a fé nas Escrituras. Todavia, livre dos maniqueus, Agostinho descobre que o caminho verdadeiro é precisamente o inverso. Deve-se partir da fé para se chegar à inteligência.<sup>1</sup> Ora, o pressuposto fundante desta reviravolta no pensamento de Agostinho – como assinala Jaspers – é a sua conversão ao cristianismo. De fato, é a partir de então que a fé passa a ser para ele qualquer coisa de inquestionável, tão certa que não precisa ser apurada quanto à sua veracidade, porquanto é um dom do próprio Deus, que é a própria Verdade.<sup>2</sup> Daí a importância capital de se conhecer – ao menos em suas linhas gerais –, a biografia de Agostinho, pois só assim se pode adentrar no espírito da sua obra. Quem permanece alheio a este momento da sua vida, seja não o experienciando em si mesmo ou não o compreendendo na alma do próprio Agostinho – acentua Jaspers –, sempre verá com estranheza o seu pensamento.<sup>3</sup> A conversão de Agostinho à fé cristã, assevera ainda Jaspers, é um *evento único*. Tocado por Deus, não somente o seu pensamento, mas ele próprio se modifica. Com efeito, é porque ele mesmo, enquanto pessoa, transfigura-se integralmente, que também o seu modo de julgar se transforma inteiramente.<sup>4</sup> Trata-se, de fato, de um novo homem, com uma nova hierarquia de valores e uma nova maneira de pensar.<sup>5</sup> Não se trata de mais uma “conversão filosófica”; ao

---

<sup>1</sup> GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 144: “Os maniqueístas haviam-lhe prometido levá-lo à fé nas Escrituras pelo conhecimento racional; santo Agostinho propor-se-á, a partir de então, alcançar pela fé nas Escrituras a inteligência do que elas ensinam.”

<sup>2</sup> JASPERS. **Os Grandes Filósofos**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 434: “(...) A conversão é o pressuposto do pensamento agostiniano. Somente na conversão é que se torna certa a fé, que não é necessitada por nada e não pode ser transmitida através de nenhuma doutrina, mas lhe é dada em dom por Deus.”

<sup>3</sup> JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed.. São Paulo: Paulus, 1991. p. 434: “Quem não experimentou por si mesmo a conversão sempre encontrará algo de estranho em todo pensamento que nela se fundamenta.”

<sup>4</sup> Acerca da conversão, afirma Jaspers: JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 434: “(...) um acontecimento único, que, por sua essência, é diferente no seu sentido e na sua eficácia: consciente de ter sido atingido imediatamente por Deus, o homem se transforma até na corporeidade do seu ser e nos objetivos que se propõe.”

<sup>5</sup> JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 434: “Juntamente com o modo de pensar, muda também o modo de viver.”

contrário, há uma mudança radical de vida, que lhe muda, por consequência, a forma de pensar.<sup>6</sup>

Passemos à análise da sua avaliação da filosofia após a conversão.

## 2. A avaliação da filosofia

Na verdade, não é o seu conceito de filosofia que se modifica, nem o seu modo de filosofar, mas sim – conclui Jaspers – algo muito mais profundo, a saber, a própria avaliação que ele faz da filosofia e mesmo da razão humana.<sup>7</sup> Agora bem, esta transformação radical de mentalidade, encontra a sua justificativa última no conceito de *iluminação* que Agostinho desenvolve. Há, segundo ele, uma luz dentro de nós que, conquanto nos seja *interior*, *transcende-nos* de todo. Esta luz, não só não se identifica com a nossa razão como a *ultrapassa*; sendo superior ao próprio *filosofar*, entendido como *obra da razão* abandonada às suas próprias forças, esta luz interior encontra-se acima do homem.<sup>8</sup> Através da sua conversão, Agostinho reconhece o quão exagerada era a sua admiração pela filosofia, obra da razão humana.<sup>9</sup> Compreende, afinal, que a bem-aventurança que buscava na filosofia, encontra-se somente em Deus, de onde emana esta luz superior que habita em nós. Ora, o único caminho conducente a Deus é Cristo.<sup>10</sup> Como ele próprio diz: “Ninguém pode passar através do mar do mundo, se não for transportado na cruz de Cristo”<sup>11</sup>. Para uma *beatitudo*

---

<sup>6</sup> JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 434 e 435: “Tal conversão não é mudança de rota filosófica, que precisa ser renovada a cada dia (...), mas um momento biograficamente datável, que irrompe na vida e lhe dá uma nova base.”

<sup>7</sup> JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 435: “No movimento do filosofar, do autônomo ao crente-cristão, parece tratar-se do mesmo filosofar. (...). Acima de qualquer outra coisa (depois da conversão), o que mudou foi a avaliação da filosofia.”

<sup>8</sup> JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 435: “Agora, porém, passava a ser avaliada (a filosofia) negativamente: a luz interior está mais no alto.” (O Parêntese é nosso).

<sup>9</sup> JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 435: “Agostinho reconhece que a sua admiração anterior pela filosofia (como dialética) era absolutamente exagerada.”

<sup>10</sup> JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 435: “A bem-aventurança encontra-se somente no anseio de Deus; mas essa bem-aventurança pertence somente à vida futura e o único caminho para chegar a ela é Cristo.”

<sup>11</sup> AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de João: O Verbo de Deus**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. I. II, 2.

*terrena*, bastar-lhe-ia uma *filosofia humana*; porém, para uma *beatitude eterna* – cuja existência acabara de descobrir –, mister é uma *sabedoria divina*. Destarte, a *filosofia humana* encontra-se decaída do seu pedestal de *sabedoria suprema*, e o pensamento bíblico é o que, doravante, se lhe afigura como essencial.<sup>12</sup>

Apesar de toda esta mística em torno da fé e do encontro com Deus, longe de Agostinho qualquer ranço de fideísmo. Ele não é irracional.<sup>13</sup> Por isso, passemos a considerar a harmonia que ele estabelece entre razão e fé.

### 3. Razão e fé

Antes de tudo, Agostinho estabelece haver uma dupla maneira de aprender: pela *autoridade* e pela *razão*.<sup>14</sup> Ora, no âmbito da aprendizagem, assevera Agostinho que a autoridade tem prioridade em relação à razão<sup>15</sup>, posto que ninguém chega a aprender nada, se não se dispõe a assentir àquilo que lhe ensina o professor. Sob este aspecto, “(...) somente a autoridade abre a porta para todos os que desejam aprender as elevadas questões boas que estão ocultas para ele”<sup>16</sup>. Por isso, o aprender por autoridade implica dar assentimento a um testemunho prestado por outrem.

Ora bem, a autoridade “(...) jamais caminha totalmente desprovida da razão (...)”<sup>17</sup>, visto que aquele que assente deve sempre “(...) considerar Aquele em que se deve crer”<sup>18</sup>.

<sup>12</sup> JASPERS. *Op. Cit.* In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 435: “Desse modo, reduziu-se o valor da filosofia (como mera dialética). O pensamento bíblico-teológico torna-se a única coisa essencial.”

<sup>13</sup> REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 435: “(...) Agostinho está bem distante do fideísmo, que não deixa de ser uma forma de irracionalismo.”

<sup>14</sup> AGOSTINHO. **A Ordem**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Joaquim Pereira Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2005. II, IX, 26: “Necessariamente somos levados a aprender de dupla maneira: pela autoridade e pela razão.”; *Idem. Ibidem*. II, V, 16: “É duplo o caminho que seguimos quando a obscuridade das coisas nos atinge: ou a razão, ou a autoridade.”; AGOSTINHO. **Contra os Acadêmicos**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Joaquim Pereira Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2008. III, 20, 43: “Todos sabem que somos levados à aprendizagem pelo duplo impulso de autoridade e da razão.”

<sup>15</sup> AGOSTINHO. **De las costumbres de la Iglesia Católica y de las costumbres de los maniqueos**. I, 2, 3. Trad. Teófilo Prieto. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/costumi/index2.htm>> Acesso em: 07/09/2011: “Em que me apoiarei primeiro, na razão ou na autoridade? A ordem natural é que, quando aprendemos alguma coisa, a autoridade preceda à razão.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>16</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>17</sup> AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002. 24, 45.

<sup>18</sup> *Idem. Ibidem*.

Certamente que há dois tipos de autoridade: a humana, que é falível, e a divina, que é infalível.<sup>19</sup> Porém, Agostinho mesmo pondera que, ainda que se trate da autoridade divina, devemos ter presente que Deus não dispensou a mediação humana, já que a revelação de Deus ao homem deu-se por meio de homens.<sup>20</sup> Portanto, a primeira coisa a se fazer “(...) será examinar em que homens, ou em que livros devemos crer (...)”<sup>21</sup>. Ora, dito isso, importa salientar que “A razão é o movimento da mente capaz de discernir e estabelecer conexão entre as coisas que se conhecem”<sup>22</sup>. Sendo assim, se devemos “examinar” em quem e em que devemos crer, é claro que devemos supor uma atividade da razão que precede o ato de crer e que consiste no discernimento de quais são os testemunhos confiáveis.

Antes de passarmos adiante, cumpre destacarmos que *crer em Deus* não é o mesmo que *ter fé em Deus*. *Crer em Deus*, pura e simplesmente, seria tão somente aderir às verdades por Ele reveladas. Consistiria, pois, na simples submissão do espírito às verdades de fé. *Ter fé em Deus*, ao contrário, é não somente, por um gesto de humildade, submeter o espírito à Sua revelação, mas sim submeter-se inteiramente a Ele, conformando a própria vida às verdades que Ele revelou. De modo que, pela fé em Deus, “(...) a vida dos bons mais facilmente se purifica não por ambigüidades de disputas, mas pela autoridade dos mistérios”<sup>23</sup>. A fé, segundo Agostinho, não somente ilumina, senão que também purifica e transforma a vida do fiel. Falando ainda sobre a diferença entre simplesmente *crer* e *ter fé* em Deus, arrazoia o Doutor de Hipona:

Quem acredita nele, presta-lhe crédito; mas não se segue que sempre acredita nele quem lhe presta crédito. Os demônios também lhe prestam crédito e não acreditam. (...) Que é pois acreditar? É amar acreditando, dedicar-se acreditando, ir para ele acreditando, e ser incorporado nos seus membros. (...) De que fé se trata? Não de qualquer fé, trata-se da e fé que opera pela caridade. Haja em ti esta fé, e compreenderás a doutrina.<sup>24</sup>

---

<sup>19</sup> AGOSTINHO. **A Ordem**. II, IX, 27: “Mas existe a autoridade divina e a autoridade humana: mas a verdadeira, sólida e suprema é a que se denomina divina.”

<sup>20</sup> AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Paulo Bazaglia e Honório Bosco. São Paulo: Paulus, 2002. *Prólogo*, 6: “Todas essas coisas poderiam ter sido feitas por meio de um anjo. Se assim fosse, a condição humana teria sido desapreciada, pois não teria querido transmitir aos homens sua palavra, por meio de homens.”

<sup>21</sup> *Idem*. **A Verdadeira Religião**. 25, 46.

<sup>22</sup> *Idem*. **A Ordem**. II, XI, 30.

<sup>23</sup> *Idem*. *Ibidem*. II, XI, 27.

<sup>24</sup> AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. II. XXIX, 6.

Mas voltemos, pois, à análise das relações existentes entre fé e razão. Agostinho, para explicá-las, distingue dois usos da razão. Antes de qualquer coisa, como já frisamos, há uma atividade da razão que precede e prepara o ato de fé. De fato, conquanto as verdades de fé sejam indemonstráveis, podemos perceber, pela razão, ao menos a conveniência de a elas assentirmos e isto através dos testemunhos fidedignos que as atestam.<sup>25</sup> Ora, se há uma empresa da razão que precede a fé, há também uma outra que a sucede e depende dela. Agostinho não se cansa de repetir: “Queres compreender, crê. (...). Não procureis compreender para poderdes acreditar; acreditai para poderdes compreender”<sup>26</sup>. Sobretudo no *Comentário ao Evangelho de João*, assevera reiteradas vezes aos leitores e ouvintes:

Tu acreditas porque não compreendes, mas, acreditando, tornas-te capaz de compreender. Porquanto, se não acreditas, nunca compreenderás, porque permanecerás menos apto. Venha pois purificar-te a fé, para que te encha o entendimento.<sup>27</sup>

Na sua perspectiva, devemos aceitar as verdades da fé, para, proporcionalmente às nossas possibilidades neste mundo, conseguirmos obter delas alguma inteligência. Diz ele acerca dos crentes de antanho: “Não acreditaram porque conheceram, mas acreditaram para conhecerem”<sup>28</sup>. Afirma o mesmo no que concerne aos seus coetâneos: “Nós acreditamos para conhecermos, não conhecemos para acreditarmos”<sup>29</sup>. Sem embargo, se o concurso da *razão*, *ante fidem*, pretende apenas evidenciar que as verdades de fé não contrariam a *razão*, uma vez que são fundadas em testemunhos verazes, a atividade da *razão*, *post fidem*, espera penetrar, o quanto for possível, no entendimento das verdades de fé, isto é, no seu conteúdo intrínseco. Agostinho aponta para isso, quando diz no *De Libero Arbitrio*:

Com efeito, se crer não fosse uma coisa e compreender outra, e se não devêssemos, primeiramente, crer nas sublimes verdades que desejamos compreender, seria em vão que o profeta teria dito: Se não o crerdes não entenderéis. (...) E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender.<sup>30</sup>

---

<sup>25</sup> GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 144: “Sem dúvida, um certo trabalho da razão deve preceder o assentimento às verdades de fé; muito embora estas não sejam demonstráveis, pode-se demonstrar que convém crer nelas, e é a razão que se encarrega disso.”

<sup>26</sup> AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento*. XXIX, 6.

<sup>27</sup> AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: Luz, Pastor e Vida*. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1960. v. III. XXXVI, 7.

<sup>28</sup> *Idem. Ibidem*. XL, 9.

<sup>29</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>30</sup> AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*. 3ª ed. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. II, 2, 6. GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 144: “Portanto, há uma intervenção da razão

Em diversos momentos, Agostinho assinala o mesmo pensamento. Por exemplo, quando propõe a Evódio, no mesmo *De Libero Arbitrio*, o seguinte: “Agora, porém, a respeito dessas verdades confiadas à nossa fé, esforçamo-nos de ter igualmente um conhecimento pela razão, mantendo-as com certeza plena”<sup>31</sup>. N’outro momento, também no mesmo diálogo, ele acentua ao mesmo interlocutor: “Não debes esquecer, porém, o que nós nos propusemos neste momento: compreender aquilo a que damos crédito”<sup>32</sup>. Exorta-o, enfim, dizendo: “Pois bem, coragem! Envereda nos caminhos da razão, confiando-te na piedade”<sup>33</sup>. Justifica, ademais, o fato de termos que nos esforçar para entendermos aquilo em que cremos, dizendo a Evódio que a fé não é um fim em si mesma; ao contrário, ela é o penhor daquele conhecimento que teremos na pátria. Lá não creemos mais em Deus, senão que O veremos tal qual Ele é. É a visão beatífica:

O próprio nosso Senhor, tanto por suas palavras quanto por seus atos, primeiramente exortou a crer àqueles a quem chamou à salvação. Mas em seguida, no momento de falar sobre esse dom precioso que havia de oferecer aos fiéis, ele não disse: “A vida eterna consiste em crer, mas sim: “A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo (Jo 17, 3). Depois disse àqueles que já eram crentes: “Procurai e encontrareis” (Mt 7, 7). Pois não se pode considerar encontrado aquilo em que se acredita sem entender.”<sup>34</sup>

Destarte, segundo Agostinho, buscar entender a nossa fé, aproxima-nos do nosso *fim último*, que é a *visão da glória*, a *visão face a face*, e não a fé. A fé, que consiste em crer no que não se vê, é algo transitório, um estado passageiro, embora seja *conditio sine qua non* para se chegar à visão, estado definitivo que consiste na contemplação daquilo em que se acreditou. Agora bem, a própria tentativa de inteligir a fé já é uma espécie de interlúdio entre a fé e a visão. Assim, a visão apresenta-se como o fim da fé, prêmio e galardão do fiel. Acerca disso, assevera o Bispo de Hipona:

---

que precede a fé, mas há uma segunda, que a segue. Baseando-se numa tradução, aliás incorreta, de um texto de Isaías pelos Setenta, Agostinho não se cansa de repetir: *Nisi crediditis, non intelligetis*. Há que aceitar pela fé as verdades que Deus revela, se se quiser adquirir em seguida alguma inteligência delas, que será a inteligência do conteúdo da fé acessível ao homem neste mundo. Agostinho.”

<sup>31</sup> AGOSTINHO. *O Livre-Arbitrio*. I, 3, 6.

<sup>32</sup> *Idem. Ibidem*. I, 4, 10.

<sup>33</sup> *Idem. Ibidem*. I, 6, 14.

<sup>34</sup> *Idem. Ibidem*. II, 2, 6.

Que é a fé, senão acreditar o que se não vê? A verdade é ver o que se acreditou, como disse o Senhor noutra lugar. (...) Aquele que no se crê, há de chegar ao que se vê. (...) Grande promessa é esta. É a recompensa da fé. Procuras a recompensa. Primeiro pratica obras. Se acreditas, podes reclamar a recompensa da fé. Porém, se não acreditas, com que semblante procuras a recompensa da fé?<sup>35</sup>

Por conseguinte, quando tentamos fazer a intelecção da fé, inclinamo-nos ao nosso fim último, que só se consumará na *clara visão* daquilo em que cremos. A isso alude, quando menciona àqueles que, com piedade, buscam entender a própria *Trindade*:

Estamos ainda no estágio da busca, e repreensão alguma merece quem se afana nessa procura, caso isso se faça com muita fé, em domínio onde é bem difícil o conhecimento e a expressão. (...) Pois é a fé declarada que, de certo modo, inicia o conhecimento. O conhecimento perfeito, porém, não será realidade senão depois desta vida, ao vermos Deus *face a face* (I Cor 13, 12).<sup>36</sup>

Com efeito, a mente humana, ao contemplar sua fé que leva a crer no que não vê, não contempla nada que seja eterno. De fato, não existirá para sempre o que deixará de existir quando acontecer aquela visão *face a face* (I Co 13, 12), após terminada esta nossa peregrinação em que caminhamos longe do Senhor, necessariamente pela fé. Se agora não vemos, contudo, porque cremos, mereceremos ver, um dia, e alegrar-nos-emos por termos sido conduzidos à visão mediante a fé. Já não haverá, pois, a fé, pela qual cremos no que não vemos, mas sim a visão pela qual veremos aquilo em que cremos.<sup>37</sup>

Na verdade, a própria fé, sendo apenas um estágio, faz com que tendamos à reflexão, impulsionando-nos a meditar sobre ela. Por isso, em Agostinho, diz-se que “(...) A fé estimula e promove a inteligência”<sup>38</sup>.

E não é só. Há mais: *a fé pressupõe a inteligência*. Este é outro ponto. De fato, se tomarmos nota de tudo quanto dissemos até aqui, descobriremos que, em Agostinho, a fé consiste, antes de tudo, num *pensamento que assente*. Ora, isto equivale a dizer que, sem pensamento e vontade racionais, não pode haver fé.<sup>39</sup> Agostinho pontua exatamente isso,

<sup>35</sup> AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: Luz, Pastor e Vida*. XL, 9.

<sup>36</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*. 2ª ed. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Nair Assis de Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994. IX, 1, 1.

<sup>37</sup> *Idem. Ibidem*. XIV, 2, 4.

<sup>38</sup> REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 435.

<sup>39</sup> *Idem. Ibidem*: p. 435. “A fé é ‘cogitare cum assensione’, modo de pensar assentindo; por isso, sem pensamento não haveria a fé.”



quando salienta, numa célebre passagem do *De Praedestinatione sanctorum*, que o ato mesmo de crer é um *ato da razão*, já que ele implica um nítido *exercício de discernimento e assentimento do espírito*. Feito isso, demarca também, numa de suas razões mais decisivas, o motivo pelo qual a fé não pode contradizer a razão, a saber, *a fé é um ato da razão, um obséquio da inteligência*:

Quem não vê que primeiro é pensar e depois crer? Ninguém acredita em algo, se antes não pensa no que há de crer. Embora certos pensamentos precedam de um modo instantâneo e rápido a vontade de crer, e esta vem em seguida, e é quase simultânea ao pensamento, é mister que os objetos da fé recebam acolhida depois de terem sido pensados. Assim acontece, embora *o ato de crer nada mais seja que pensar com assentimento*. Pois, nem todo o que pensa, crê, havendo muitos que pensam, mas não crêem; *mas todo aquele que crê, pensa, e pensando crê e crê pensando*.<sup>40</sup>

Nesta busca piedosa para compreendermos, pela razão, o conteúdo da nossa fé, é que consiste a filosofia cristã de Agostinho, da qual passaremos a falar agora.

#### 4. A filosofia cristã de Agostinho

Agostinho opunha à *filosofia dos gentios* uma *filosofia cristã*, a qual era, para ele, a única verdadeira. A Juliano, ele dizia: : “Por favor, não seja para ti de maior valor a *filosofia dos gentios* que a nossa *cristã*, única *filosofia verdadeira*, pois esta palavra significa estudo ou amor à sabedoria”<sup>41</sup>. No *De Civitate Dei*, a lógica que o levava a fazer tal asserção é assaz simples: *o filósofo não é senão o amante da sabedoria*. Agora bem, *Deus é a própria sabedoria*. Ora, *o único Deus verdadeiro é o Deus dos cristãos*. Logo, *só os cristãos amam a verdadeira sabedoria*. Donde só eles podem reivindicar, com justeza, o *título de filósofos*.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> AGOSTINHO. **A Predestinação dos Santos**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999. II, 5. (Os itálicos são nossos).

<sup>41</sup> AGOSTINHO. **Réplica a Juliano**. IV, XIV, 72. Disponível em: <[http://www.augustinus.it/spagnolo/contro\\_giuliano/index2.htm](http://www.augustinus.it/spagnolo/contro_giuliano/index2.htm)> Acesso em: 24/10/2007. (A tradução para o português é nossa). Referindo-se a esta filosofia, diz Agostinho no *Contra Academicos*: AGOSTINHO. **Contra os Acadêmicos**. III, XIX, 42: “Mas foi necessário que passassem muitos séculos e discussões para que se elaborasse, segundo julgo, um só sistema de filosofia perfeitamente verdadeira. Esta filosofia não é a deste mundo, que nossos mistérios com toda a razão abominam, mas a de outro mundo inteligível (...)”.

Ora, então a filosofia só surgiu com o cristianismo? Decerto que não. Entretanto, os filósofos pagãos só cultivaram a verdadeira sabedoria naquilo que ensinaram consoante a fé cristã, isto é, naquelas sentenças que se coadunam com a verdade cristã. Destarte, Agostinho reconhecia, ao lado dos profetas (aos quais tomava como “filósofos” por excelência), outros que, inobstante não terem alcançado a verdade plena, conseguiram acercar-se dela, embora apenas parcialmente. No *De Civitate Dei*, ele pondera:

Todas as verdades que entre seus erros alguns filósofos chegaram a discutir e se esforçaram em persuadir com esmero (...) tudo isso foi pregado ao povo na Cidade de Deus por boca dos profetas, sem argumentos e sem disputas. Para eles (O povo de Israel), eram esses os filósofos, quer dizer os amigos da Sabedoria, seus sábios, seus teólogos, seus profetas e seus doutores em piedade e em probidade.<sup>43</sup>

Não é difícil imaginar a razão pela qual Agostinho identificava a religião cristã com a verdadeira filosofia e os seus profetas com os verdadeiros sábios.<sup>44</sup> Com efeito, ele viveu numa época em que a ascese e a contemplação eram apanágio de uma filosofia que aspirava a ser “salvífica”. A filosofia pagã do tempo de Agostinho, sobretudo de cunho neoplatônico, se esforçava para proporcionar aos seus sequazes, por meio de uma mística especulativa ascendente, a libertação das suas almas do cárcere corporal, tão inquinado às paixões e à dispersão. Ora, para o nosso pensador, semelhante salvação só se encontrava no cristianismo. Só o cristianismo poderia tornar a alma verdadeiramente livre. Só ele poderia dar a conhecer, sem rastros de erros, o caminho da salvação, que é Cristo. Ademais, o cristianismo, contrariamente às demais seitas filosófico-religiosas, não reservava esta salvação apenas a uma casta, mas colocava-a ao alcance de todos. Eis a clássica passagem na qual Agostinho retoma o itinerário do filósofo pagão Porfírio, mostrando como ele aponta para a religião cristã que, contudo, não descobriu:

---

<sup>42</sup> AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. VIII, I: “O nome ‘filósofo’ traduzido ao português, significaria ‘amor à sabedoria’. Pois bem, se a sabedoria é Deus, por quem foram feitas todas as coisas, como demonstram a autoridade divina e a verdade, o verdadeiro filósofo é aquele que ama a Deus.”

<sup>43</sup> AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 4ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001. XVIII, XLI, 3.

<sup>44</sup> No *De Vera Religione*, Agostinho rejeita a todos os religiosos que não são filósofos em seus atos de piedade e a todos os filósofos que não religiosos no seu filosofar: AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. 7, 12: “Deixemos, pois de lado: – todos os que não são nem filósofos em sua prática religiosa, nem religiosos em sua filosofia (...).”

Assim, não o satisfazia o que com tanto esmero aprendera a respeito da libertação da alma e lhe parecia, ou melhor, parecia a outros, que o conheciam e professavam. Quando afirma que nem mesmo da filosofia mais verdadeira teve conhecimento de seita que contenha o caminho universal para a libertação da alma, parece-me demonstrar, à evidência, que a filosofia em que filosofou não era a mais verdadeira ou não continha a referida senda. Como pode, é claro, ser a mais verdadeira, se não contém semelhante senda? Pois que outra senda universal existe para a libertação da alma, senão a que livra todas as almas e, sem ela, nenhuma se livra? (...) Essa é a religião cristã, que contém o caminho universal para a libertação da alma, porque por nenhum, senão por ele, pode ver-se livre.<sup>45</sup>

Sem embargo, Agostinho estava tão certo de que a religião cristã é a única fonte da verdadeira sabedoria, que afiançava aos seus leitores que, se todos os grandes filósofos do passado voltassem à vida e tivessem a oportunidade de conhecer a doutrina cristã, deveras não pestanejariam em lançar fora todas as asserções errôneas que fizeram, ou seja, todas aquelas doutrinas que propugnaram e que não se conjugam com a fé e a religião cristã, a fim de se fazerem cristãos:

Portanto, se aqueles filósofos pudessem voltar à vida conosco, reconheceriam, sem dúvida, a força da Autoridade, que por vias tão simples operou a salvação da humanidade e – mudando algumas palavras e sentenças – ter-se-iam feito cristãos, como vimos que se fizeram muitos platônicos modernos de nossa época.<sup>46</sup>

Passemos às considerações finais deste trabalho.

### *Conclusão*

Agostinho, no célebre *Sermão 43*, expressa numa fórmula perfeita esta dupla atividade da razão que funda a filosofia cristã sobre a qual discorremos acima: “(...) compreende para crer, crê para compreender (*intellige ut credas, crede ut intelligas*)”<sup>47</sup>. Com efeito,

---

<sup>45</sup> *Idem. Ibidem.* X, XXXII, 1.

<sup>46</sup> AGOSTINHO. *A Verdadeira Religião*. 7, 7.

<sup>47</sup> GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 144: “Um texto célebre do *Sermão 43* resume essa dupla atividade da razão numa fórmula perfeita: compreende para crer, crê para compreender (*intellige ut credas, crede ut intelligas*).”

compreendendo aquilo em que se deve crer, cremos<sup>48</sup> e, crendo, podemos compreender aquilo em que cremos. Se, por um lado, é preciso partir da fé; por outro, é dever de quem crê, buscar inteligir aquilo em que crê, pois a inteligência não elimina, antes, *clarifica a fé*.<sup>49</sup> De sorte que fé e razão se complementam<sup>50</sup>, porquanto se “A fé busca, o entendimento encontra”<sup>51</sup>. Aliás, na vida eterna, a fé dará lugar à visão, como a esperança à posse, pois só a caridade permanecerá e será robustecida.<sup>52</sup> Sendo assim, o *filosofar na fé* é uma espécie de prelibação da *visão da glória*. O *entendimento* é, pois, o *intermediário entre a fé e a visão*. Ele advém qual recompensa para quem creu: “O entendimento é uma recompensa da fé”<sup>53</sup>, “A fé é um mérito e o entendimento é um prêmio”<sup>54</sup>. Neste sentido, ainda no *Comentário ao Evangelho de João*, Agostinho afirma: “(...) o entendimento é um fruto da fé”<sup>55</sup>. E este entendimento só será pleno na Pátria. Por ora, vivemos numa espécie de interstício entre a fé e a visão, que consiste em procurar inteligir o conteúdo da fé.

Todavia, permanece como uma das “indeterminações agostinianas”, até onde vai esta inteligência que pressupõe a fé e que consiste na tentativa de entendê-la. Será que ela chega a pretender obter as “*rationes necessariae*” dos *artigos de fé, post fidem*? Em Agostinho, há passagens e passagens. Uma delas, no *De Vera Religione*, inclina-nos a pensar que a resposta à questão por nós levantada seja positiva. Diz Agostinho:

De onde resulta que as verdades, nas quais primeiramente acreditamos, fiando-nos na autoridade, tornam-se depois compreensíveis (pela reflexão), até nos parecerem certíssimas.<sup>56</sup>

Em outras passagens, o Doutor de Hipona afirma de forma tão veemente a inefabilidade divina, que tendemos a pensar que ele não tenha nunca defendido que, *post fidem*, pudéssemos chegar às “*rationes necessariae*” dos *artigos de fé*. Numa destas passagens,

<sup>48</sup> Aqui compreender não significa conhecer o mistério, mas apenas ter presente qual é o objeto ao qual devemos assentir. Por exemplo, saber que a Trindade deve ser crida, não significa compreender o seu mistério e sim assegurar-se dos testemunhos da fé, que nos asseguram que devemos crer nele.

<sup>49</sup> *Idem. Op. Cit.*: “E analogamente, por seu turno, a inteligência não elimina a fé, mas a fortalece, e, de certo modo, a clarifica”.

<sup>50</sup> *Idem. Op. Cit.*: “(...) fé e razão são complementares (...)”.

<sup>51</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*. XV, 2, 2.

<sup>52</sup> AGOSTINHO. *Solilóquios*. Trad. Aday Frangiotti. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. VII, 14: “R. Vejamos, se ainda são necessárias essas três coisas para a alma, depois que ela tenha conseguido ver a Deus, isto é, compreendê-lo. Para que é necessária a fé se já o vê? Tampouco é necessária a esperança, porque já o possui. Porém, o amor não só não perde nada, mas é acrescido em elevadíssimo grau, pois, ao ver aquela beleza singular e verdadeira, amará ainda mais.”

<sup>53</sup> AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento*. XXIX, 6.

<sup>54</sup> *Idem. Comentário ao Evangelho de São João: Luz, Pastor e Vida*. XLVIII, 1.

<sup>55</sup> *Idem. Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento*. XXII, 2.

<sup>56</sup> *Idem. A Verdadeira Religião*. 8, 14.

no *De Ordine*, Agostinho ressalta que, com relação a Deus, “(...) se conhece melhor ignorando”<sup>57</sup> e, noutra passagem do mesmo diálogo, diz que, no que toca a Deus, “(...) não há nenhum conhecimento na alma a não ser saber até que ponto o desconhece”<sup>58</sup>.

De qualquer forma, é certo que não há um “racionalismo” em Agostinho, pois sempre se trata de um intelecto fecundado pela fé e pela graça, vale dizer, de um *intellectus fidei*. Ele mesmo admite: “(...) reconhecemos que caminhamos pela fé e não pela clara visão (...) se não caminarmos pela fé, não poderemos chegar à clara visão (...)”<sup>59</sup>. Deveras também não há um “ontologismo” agostiniano, pois a visão de Deus em si mesmo, em sua essência, pertence apenas aos bem-aventurados. De fato, no que tange às verdades de fé, “(...) compreender perfeitamente consiste na visão sempiterna de Deus”<sup>60</sup>, a qual apenas aos celícolas é acessível. Contudo, parece perdurar uma certa *indeterminação* entre o que pertence à filosofia e o que pertence à teologia no Bispo de Hipona, talvez porque esta demarcação nem fosse um problema para ele. Gilson acena para isto:

Não se poderia levantar uma lista de verdades, na qual algumas seriam, para ele, essencialmente filosóficas, enquanto outras seriam essencialmente teológicas; pois todas as verdades necessárias à beatitude, fim último do homem, estão reveladas nas Escrituras; em todas, sem exceção, pode-se e deve-se acreditar. Por outro lado, não há sequer uma entre elas de que a nossa razão não possa obter alguma inteligência, contanto que a isso se dedique, e, ao fazê-lo, o pensamento funciona como razão – já que a fé não mais intervém a título de prova, mas somente a título de objeto.<sup>61</sup>

Tudo se passa como se, a totalidade das verdades que, *ante fidem*, assentimos por autoridade, *post fidem* pudéssemos descobri-las, alcançando-as segundo a medida de nossas forças pela razão, sem, contudo, esgotá-las, visto que elas têm Deus por objeto: “Todas as verdades reveladas podem, ao menos em certa medida, ser conhecidas; nenhuma poderia ser

---

<sup>57</sup> *Idem. A Ordem*. II, XVI, 44.

<sup>58</sup> *Idem. Ibidem*. II, XVIII, 47.

<sup>59</sup> AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*. II, 12, 17.

<sup>60</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>61</sup> GILSON, Étienne. *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006. p. 76. O próprio Agostinho, no *De Ordine*, afirma que, uma vez crendo por autoridade, podemos, segura e confiantemente, buscarmos com logro as razões das coisas que, *a priori*, cremos sem compreender: AGOSTINHO. *A Ordem*. II, IX, 26: “Quem entra por esta porta (a da auctoritas) sem nenhuma dúvida segue os preceitos da vida ideal dos quais, quanto já se tenha tornado dócil, finalmente aprenderá que as mesmas coisas, que seguiu sem compreendê-las com a razão, estão dotadas de muita razão (...)”. (O parêntese é nosso).

esgotada, já que elas têm Deus como objeto”<sup>62</sup>. Agora bem, se, como havíamos dito, por filosofia cristã, Agostinho entende justamente esta tentativa de a razão inteligir o que havia crido, e que, ademais, esta especulação acerca do credo, torna-se, em Agostinho, como que um antegozo da visão face a face, temos que, na filosofia cristã do nosso filósofo, encerra-se a verdadeira religião. Raciocinando de outro modo, chegamos à mesma conclusão. Com efeito, se, conforme também já assinalamos, a verdadeira religião consiste no esforço de tentarmos chegar à inteligência do que cremos, posto que a *beatitudo eterna*, nosso *fim último*, consiste na visão de Deus e não na fé, temos novamente que, a filosofia cristã de Agostinho é a verdadeira religião. Gilson é contundente ao constatar isso:

Uma filosofia que quer ser um verdadeiro amor pela sabedoria deve partir da fé, da qual será inteligência. Uma religião que se quer tão perfeita quanto possível, deve tender à inteligência a partir da fé. Assim entendida, a verdadeira religião é a verdadeira filosofia e, por sua vez, a verdadeira filosofia é a verdadeira religião. A isso Agostinho chama de “filosofia cristã”, ou seja, tal como ele a entende, uma contemplação racional da revelação cristã (...).<sup>63</sup>

A filosofia, que seja verdadeira e, por assim dizer, autêntica, não tem outra função senão a de ensinar o que seja o Princípio sem princípio de todas as coisas e a imensidade do Intelecto que nele reside e o que daí se originou para nossa salvação sem nenhum detrimento para ele, a quem os veneráveis mistérios nos ensinam ser um único Deus onipotente e que ele é uma Trindade Poderosa, Pai e Filho e Espírito Santo (...).<sup>64</sup>

De qualquer maneira, o certo é que “(...) se crê e se ensina como fundamento da salvação humana que estejam concordes: a filosofia – isto é, a procura da sabedoria – e a religião”<sup>65</sup>.

De qualquer modo também, o que parece claro em Agostinho, ratificamos, é que não existe em seu pensamento uma nítida distinção entre teologia e filosofia, uma vez que para ele a própria filosofia seria uma teologia. No *De Ordine*, Agostinho chega a dizer que a filosofia possui tão somente duas questões, a saber, “(...) uma concernente à alma, outra a Deus (...)”<sup>66</sup>. Ora, no *De Civitate Dei*, ele define a teologia como sendo uma palavra grega que

---

<sup>62</sup> GILSON. *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*. p. 76.

<sup>63</sup> *Idem. Ibidem*. p. 86

<sup>64</sup> AGOSTINHO. *A Ordem*. II, V, 16.

<sup>65</sup> *Idem. A Verdadeira Religião*. 5, 8.

<sup>66</sup> *Idem. A Ordem*. II, XVIII, 47.

significa “(...) razão ou discurso sobre a divindade”<sup>67</sup>. Logo, se a filosofia tem por objeto a Deus, ela também é uma teologia. Ademais, se, de acordo com o que vimos, a filosofia possui um discurso sobre Deus que se estende até a tentativa de intelecção dos próprios mistérios cristãos, podemos dizer que, em Agostinho, há uma filosofia cristã que é, também ela, uma teologia cristã.

---

<sup>67</sup> *Idem. A Cidade de Deus. VIII, I.*

## ***BIBLIOGRAFIA***

AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Paulo Bazaglia e Honório Bosco. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Ordem**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Joaquim Pereira Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Predestinação dos Santos**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Trindade**. 2ª ed. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Verdadeira Religião**. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Cidade de Deus**. 4ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao Evangelho de João: O Verbo de Deus**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. I.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. II.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao Evangelho de São João: Luz, Pastor e Vida**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1960. v. III.

\_\_\_\_\_. **Contra os Acadêmicos**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Joaquim Pereira Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. **De las costumbres de la Iglesia Catolica y de las costumbres de los maniqueos**. Trad. Teófilo Prieto. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/costumi/index2.htm>> Acesso em: 07/09/2011.



\_\_\_\_\_. **Réplica a Juliano.** IV, XIV, 72. Disponível em: [http://www.augustinus.it/spagnolo/contro\\_giuliano/index2.htm](http://www.augustinus.it/spagnolo/contro_giuliano/index2.htm) Acesso em: 24/10/2007.

\_\_\_\_\_. **O Livre-Arbítrio.** 3ª ed. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Solilóquios.** Trad. Adaury Frangiotti. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média.** 5ª Edição. São Paulo: Paulus, 1991. pp. 428 a 460.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. Rev. Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 142 a 158.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho.** Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

JASPERS, Karl. **Os Grandes Filósofos.** In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média.** 5ª Edição. São Paulo: Paulus, 1991.